



Santa Sophia, em Constantinopla

Uma das egrejas mais celebres do mundo, é, sem contestação, a de Santa Sophia, em Constantinopla, servindo actualmente de mesquita aos sectarios do islamismo. O plano d'esta egreja serviu de modelo para erecção dos mais bellos templos byzantinos, que existem. Fôra primeiro edificada a expensas de Constantino, à gloria de Jesus-Christo; mas foi derrubada por um tremor de terra, e Constancio, filho e sucessor de Constantino, fez-a reedificar mais bella e mais ampla.

Tendo sido devorada pelas chamas, no imperio de Arcadius, durante uma sedição ocasionada pelo exilio de S. Chrisostomo, foi reconstruída e reduzida a cinzas mais duas vezes, uma no imperio de Theodosio, o Joven, e outra sob o imperio de Justiniano, que a fez reedificar mais sumptuosa ainda do que os seus antecessores.

Os alicerces foram assentes, no anno 532 da nossa era e a sagrada teve logar no fim de 537. Assim, S. Vital de Ravenne é quasi contemporaneo de Santa Sophia.

Santa Sophia apresenta, no seu plano, a forma de uma cruz grega. Esta egreja, que foi imitada á de S. Marcos de Veneza, recebe luz por um zimborio levantado no centro do monumento, e por quatro outros zimbórios, mais pequenos, elevados no cruzeiro. A cupula é esférica e garnecida de janellas. Os *duomi* de Notre-Dame-des-Fleurs, em Florença, os de S. Pedro, em Roma, e todos os que se tem edificado tanto em França como em Italia, tem tido por ponto de partida e primeiro modelo, os de Santa Sophia, mas tem-n'a encarecido muito desde o seculo XVI, e sobretudo na época da renascença, em elegancia, em ornamentação n'este genero de construcção, de alta importancia monumental.

ASHAWERUS

(Continuado de pag. 236)

III

A influencia litteraria do christianismo foi, em verdade, immensa em todos os generos. Já apontámos, em rapido e incompleto esboço, as alterações philosophicas do christianismo, qual o modo porque o dogma se creou e se impoz, quaes os fundamentos principaes da crença, e quaes os limites entre ella e a liberdade de pensar.

Quem houvesse de estudar minuciosamente, e sob todos os seus multipleces aspectos, a accão do christianismo, durante as primeiras edades heroicas, sobre o pensamento humano, compozeria uma obra magnifica de grandissimo folego e importancia. Chateaubriand bosquejou apenas, no seu *Genio do Christianismo*, este grandioso tema, e na historia da litteratura não se conta um homem só, que se julgasse com forças, para arrancar com estas dificuldades. Todos os historiadores, assim ecclesiasticos como profanos, consagram muitas paginas ao estudo da influencia christã; mas ainda nenhum logrou resolver o problema, nem chameou luz brilhante, que nos mostrasse evidentemente, qual as variações produzidas pelo christianismo sobre o pensamento, qual a somma de elementos, que elle auferisse da phylosophia mystica das velhas civilisações; qual o genesis da idéa fundamental, da idéa mãe, como ella se espalhou e diffundio, como ao racionalismo primitivo, essencia do christianismo, sucedeu o evangeliismo, e a este o dogma, e como, afinal, após longos e formidaveis prelios, em que de um lado estavam os algozes vencidos e do outro as victimas vencedoras, nasceu o estado de equilibrio, resultante das mutuas reacções entre o seculo e a idéa, entre a materia, apenas allumiada pelos frouxos raios de uma philosophia sem horizontes, e o espirito,

que, d'esde o principio, era o verbo encarnado em Deus, que pairava por sobre a creaçao. Pois este longo desabrochar da idéa, que é, no fim de tudo, a historia *ab ore* do caminhar da humanidade até á consolidação do christianismo evangélico, certo que ha de encontrar-a o genio robusto, que souber percorrer o labyrintho da litteratura sagrada e profana, no cyclo começado por Platão e acabado no cerrar dos dois primeiros seculos da Egreja.

Há, porém, um genero litterario, muito restrito aliás, que a tradição entranhou profundamente em todos povos christãos, e que nasceu com a morte de Christo. Esse genero é a lenda religiosa.

Morto Christo, consumimado o grande sacrificio com a morte affrontosa e ignominiosa, que redimia o mundo e lhe lavava a macula do pecado original, começou a crença ao mesmo tempo fecunda e pura, ardente e singela, a attentar n'aquelle terrível desfecho de um grandissimo drama — o drama da humanidade, a *crisis* violenta, depois da qual o corpo morbido havia de cobrar novas forças e idéas novas.

Perante aquellas imaginações, escassamente feridas ainda pelo raio divino, a morte de Christo, do Deus feito homem, tinha um quê de inexplicavel que os assombrava e espantava.

As lagrimas da Virgem, que, debrucada sobre a cruz, chorava a morte do Filho, os prantos de Maria de Magdalum, a linda peccadora a quem muito foi perdoado pelo muito que amou, Lazaro e Martha, José de Arimatéa, os evangelistas e apostolos, figuras sculpturaes, cheias de fé e unção, todos os personagens d'este drama seriam mais a imaginacão do que a rasão dos primeiros crentes humildes e ignorantes, que, gemendo oppressos, posto que resignados, sob o jugo da escravidão, olhavam para o céo e aguardavam impacientes a morte, o instante supremo do livramento, em que a bemaventurança eterna ia começar.

Os que haviam assistido ás peripecias do drama doloroso, cuja ultima scena se passara no Calvario; os que haviam ouvido a palavra dulcissima de Christo e recebido o derradeiro osculo fraterno, o abraço da despedida, contavam, no meio dos agapes, sob as cataumbas, aos irmãos novícos, os milagres de que tinham sido testemunhas, e para responder ás mil e uma perguntas impacientes, exageravam naturalmente, forjavam, no meio do seu inocente fervor, piedosas narrativas, eventos falsos, miudas notícias do intimo viver do Crucificado, da sua genealogia, das suas parabolas; das suas relações com o mundo externo.

Este enrubescer da mystica aurora da litteratura popular do christianismo, é, afinal, a lenda, com todos os atavios com que a enramava e alindava a narrativa dos neophylos, que á porfia iam espalhando, entre os seus pares e vizinhos, a boa nova.

Em quanto os apostolos, espalhando-se por todo, o orbe conhecido, pregavam o santo verbo e lutavam, pela penna e pela palavra, contra a sociedade, contra as usanças seculares, contra os preconceitos enraizados, contra uma civilisação, que se apoiava na força e na auctoridade, e dominava em toda a parte; outros obscuros evangelizadores, com poucas luzes, posto que cheios

de fé amoravel e inquebrantável, iam minando as bases do edificio social, e propagavam, por uma accão de contacto, a religião do christianismo. Mas já esta religião era diversa na forma. Entrava n'ella um outro elemento, que substituia até certo ponto a parte philosophica, com que S. Paulo convencia ou vencia os espiritos superiores do Areopago e dos habitantes effeminados ilustrados de Epheso, Corintho, Edessa, Antiochia etc. Esse elemento puramente popular, que depois foi abraçado pela litteratura consubstancial em Eusebio, Lactancio, Sulpicio e outros, é a lenda religiosa, que, logo no principio, dá origem á antiquissima narrativa da *Morte da Virgem* (*De transitu beate Marie Virginis*, impresso ultimamente na *Bibliotheca dos Padres*, edição de Paris), aos trinta e nove evangelhos apocryphos, ao *Proterangelho* de Jacob, em que Anna, chorando a sua esterilidade, ergue os olhos, vê nos ramos de um loureiro, que lhe ensombream a cabeça, um ninho de passarinhos. Põe-se então a gemer e a chorar e a lastimar se, porque não pôde sentir a ventura e os gosos maternos das avesinhos, que são fecundas perante o Senhor, assim como as águas e a mesma terra, que também possuem a sua fecundidade e louvam ao Creador. Este brando e flebil queixume, que um grande litterato dos nossos dias compara com os tristes lamentos de *Sakountala*, mostra quanto a litteratura fôra rejuvenescida pelo christianismo, e como o povo, esse guardião fiel da tradição, esse adorador convicto de tudo o que é singelo e sublime, e que, nos tempos antigos, era quem sómente tinha imaginação, soube crear um genero inteiramente novo e desconhecido.

A singelissima narrativa da morte da Virgem, tão cheia de unção e dos castos e sacratissimos perfumes de um lyrismo incomparavel, é uma das mais formosas lendas religiosas dos primitivos tempos.

«Ora, diz a lenda, eis o que sucedeu no vigésimo segundo anno depois da morte de Christo. Maria tinha-se escondido no mais escuso penetral da sua casa, e chorava, aguardando o momento, em que havia de abraçar o seu filho bem amado. Appareceu-lhe um anjo, vestido com as vestes de luz, e poisando ao pé d'ella, diz-lhe: Salve, ó virgem abençoada do céu, recebe a saudação d'aquelle, que veio salvar os patriarchas e os prophetas. Dos céus te trago este raminho de palmeira, o qual será deposito na tua tumba, quando, d'aqui a tres dias, largares o mundo, porque o Filho teu espera-te com os Thronos, com os Anjos e com as Virtudes do céu.

«Rogo-te, disse Maria, que todos os apostolos possam reunir se, n'esse momento, em torno a mim.

«E o anjo respondeu: Hoje mesmo, pelo poder do Senhor, virão para ti todos os apostolos por sobre as nuvens.

«Maria retrorqui: Abençoae me, assim de que as potencias do inferno não se me opponham, quando a minha alma sair do corpo, e para que eu não veja o principe das trevas.

«Não te hão de mal fazer as potencias do inferno, tornou-lhe o anjo.

«E isto dizendo, desapareceu no meio de um vasto esplendor, e a palma, que trouxera, espargia uma grande luz.

«Então Maria, tendo deposto os vestidos, vestiu outros mais lindos, depois saiu levando na mão a palma, que o anjo lhe trouxera, e subiu ao monte das Oliveiras, aonde se pôz a rezar.

«Meu Deus, disse, indigna seria de haver-te trazido no seio se não houvesse compaixão de mim, e por isso vigiei fielmente sobre o tesouro que me confiaste. Peço-te, pois, ó Rei da glória, que me protejas contra as potências malevolas. Se na tua presença tremem céus e anjos como não tremerá esta fragil criatura, que de bom só tem o que lhe déste?»

Assim prossegue a lenda contando como S. João, pregando em Epheso, teve sobrenatural notícia do proximo passamento da Virgem, e correu para ella, por ter sido o apostolo querido a quem, do alto do crucifixo, recommendou Christo a sua dolorida e triste mãe. Todos os apostolos vieram tambem, e juntos em volta da Virgem, passaram, continua a lenda, tres dias e tres noites a consolarem-se uns aos outros, pela narrativa das suas fadigas.

«Mas no terceiro dia, na terceira hora, sobre todos os da casa desceu o sonno, e ninguem poude ficar acordado, á exceção dos apostolos e de tres virgens, fieis companheiras da Mãe de Deus.

«Então o Senhor appareceu no meio de um círculo de anjos e seraphins; os anjos cantavam um hymno em gloria do Senhor, e uma brillante luz resplandecia sobre a casa.

«Neste momento fallou o Senhor Jesus, e disse: Vem, ó minha bem-amada, ó minha perola preciosa; entra no tabernaculo da vida eterna.

«Ao ouvir esta voz lançou-se Maria em terra, adorou o Senhor e exclamou: Bento seja o teu nome, ó Rei da gloria, ó meu Deus, pois que te dignaste escolher a tua humilde serva, entre todas as mulheres, para operar a redempção do genero humano. Eu, lodo e sangue, de tal honra não era digna, mas vieste a mim e eu disse: Seja feita a tua vontade!

«Tendo fallado assim, ergueu-se Maria, deitou-se no leito e rendeu a alma murmurando ações de graças. Durante este tempo, ouviam os apostolos as fallas, que se fallavam, mas não viam senão a coruscante luz, que rebrilhava e esplandecia, e cuja nivea candura excedia a dos mais brilhantes metais.

Tal é a lenda da morte da Virgem, da escrava do Senhor, *humillima ancilla Domini*, que, já no céu, ainda se carteava com S. João, segundo resam as piedosas chronicas do christianismo.

Quem comparar esta narração tão singela e tão eloquente, tão cheia de unção e piedade, de fé e nativa superstição, com as descrições empoladas e artificiosas dos poetas gregos e romanos da decadencia, em que o sentimento do bello, do bom, do justo e do verdadeiro tinham-se extinguido, para logo vê e palpa a poderosissima influencia do christianismo sobre os animos dos povos, cuja expressão é a litteratura espontanea, natural, sem atavios e loucainhas desenxabidas, em que o trabalho do artificio se está delatando a cada passo.

A lenda religiosa atravessou toda a edade media, allumiou, com o seu suavissimo bruxolear, todo o pensar e crer das épocas de violencia. Os milagres, que feriam o espirito do povo, deram origem a outras tantas lendas, mais ou menos

apoecryphas, e ainda hoje a poesia popolar é a ligação da lenda religiosa primitiva com as ainda mais primitivas tradicões dos mythos pagãos e com a serie de elementos novos, que os séculos foram depondo no seu correr ininterrupto.

As lendas, porém, que nasceram no berço do christianismo e tomaram corpo nas cidades heroicas, são as que mais interessam o historiador, porque é por meio d'ellas que pôde avaliar a immediata accão da nova lei sobre o povo opprimido.

São numerosissimas estas lendas, e todas ou quasi todas se referem ao nascimento, vida e morte do Redemptor.

A lenda de Poncio Pilatos, o covarde e criminoso proconsul, é um monumento e os temores e visões do algoz, mal desannuveados por Procula, sua mulher, que o convertéra ao christianismo em Vianna, do Delphinado em França, dariam para um drama de Shakpeare. Méry, apesar do seu grande talento e fertil imaginação, estragou tão magnifico thema.

Que esplendido episodio, esse da piedosa mulher que enxugou o rosto de Christo, e andava por todo o mundo mostrando a imagem sanguenta.

E a lenda de José de Arimathea, que instituiu uma ordem para guardar o copo, em que Christo bebeu na ultima ceia, e que os anjos levaram para o céu, até que apareceu um virtuoso heroe, o principe de Pesilles, que obrou gentilesas cavalheirosas?

(Continua)

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

ALGUMAS CURIOSIDADES HISTÓRICAS E OUTRAS ÁCERCA DO COMÉRCIO

IX

Il est difficile qu'un pays n'ait des choses superflues, mais c'est la nature du commerce de rendre les choses superflues utiles, et les utiles nécessaires.

Montesquieu, *De l'espr. des lois*, XX 23.

Cette diversité des productions et des facultés productives est le bien qui unit les uns aux autres les habitants d'une même localité, la ville et la campagne, les provinces d'un même Etat, les différents peuples et jusqu'aux points du monde les plus éloignés.

M. Henri Richelot, *Dictionnaire Gén. de la Pol. ch. -- Commerce*.

Já tivemos occasião de observar, de passagem, que duas condições são indispensaveis para que o commercio florêça: a segurança e a liberdade.

Mais detidamente fallaremos agora d'essas impreveríveis condições, seguindo, pela maior parte, as pisadas de M. M. Henri Richelot, e A. Leymarie. (1) Passaremos logo a apontar as diferentes phases systematicas, pelas quaes passou o commercio até que despontou a aurora da liberdade das transacções, da livre troca.

Os trabalhos do homem, diz muito bem um d'aquellos escriptores, os trabalhos do homem, por effeito dos quaes vive e prospéra o commercio, presupõem uma condição fundamental, a segurança. O commercio só pôde florecer, quando e em quanto cada um, como no tempo de

(1) *Dictionnaire Gén. de la Pol.*, tomo I, v. *Commerce*; e *Dictionnaire Univ. théor. et prat. du Commerce*, etc., v. *Commerce*.

Salomão, repousa tranquillo e sem temor na sua vinha e á sombra da sua figueira.

A seguridade do commerciante depende da confiança que a boa ordem no regimen interno da sua patria lhe inspira, e ao mesmo tempo da certeza que tem do poder do Estado nas relações internacionaes.

Os inimigos da segurança do commercio no interior de um paiz são a anarchia e o despotismo, porque, tanto aquella, como este não sabem, não podem respeitar nenhum direito, nem proteger as pessoas e as propriedades.

Fóra da patria, e atravez de paizes estranhos e dos mares, são inimigos da segurança do commercio a guerra, a barbarie, e o cortejo de extorsões, violencias, atrocidades que acompanha aquelles dois flagellos.

Hoje, porém, graças ao sistema politico das nações cultas, graças aos progressos da civilisação, graças ao aperfeicoamento do direito internacional, a segurança do commercio é quasi completa: nem as perturbações accidentaes, e cada vez mais raras, destróem a regra geral — feliz e abençoada — d'estes nossos tempos.

O que succedia n'outras eras, segundo o testemunho da historia, oferece realmente á nossa consideração um quadro lastimoso, e apresenta (ainda bem!) um contraste muito saliente com o estado actual das cousas na maior parte das regiões do globo.

Com referencia aos passados tempos, proporciona-nos o citado economista uma bella pagina, que na sua integra reproduzimos:

= Na maior parte dos seculos que já lá vão, constantemente esteve o commercio exposto ás ameaças da guerra e da barbarie, e só a muito custo escapava a perigos mil. Em muitos paizes tomou-o a religião sob o seu patrocínio e ressalva: assim, tornou-se peregrino e estabeleceu os seus mercados e bazares junto dos sanctuarios de Méroé, junto das mesquitas da Méca ou dos pagodes de Bénarés. Para se perservar do saque ou da pirateria, recorreu ao expediente das caravanas, das viagens em conserva, das escoltas da força armada. Quando as hordas guerreiras assolavam os continentes, — foram as ilhas, ou alguns pontos fortificados pela natureza, quem dava abrigo ao commercio. Na edade média, ligaram-se entre si as cidades, e sustentaram obstinadas luctas contra os bandoleiros e salteadores, e contra as extorsões do feudalismo.» =

— No que respeita á outra condição imprestável da prosperidade do commercio, a liberdade, tambem a historia, independentemente do que a razão e a natureza das cousas nos dictam, — tambem a historia confirma o seu benéficio e prodigioso influxo.

A maior parte das maravilhas commerciaes, de que a historia nos dá noticia, são devidas á liberdade, são obra e resultado da benigna e poderosa influencia d'esse genio protector e bem-fazejo das associações humanas.

«Foi a liberdade quem, nos tempos antigos, tornou próspera Tyro, Carthago, e as principaes cidades da Grecia; foi ella quem animou, na edade média, as republicas commerciantes da Italia, do mesmo modo que as Communas de Flandres e da Allemanha; foi ella quem, ha dois seculos, deu á Hollanda a sua fortuna extraordinaria; e, finalmente, á liberdade devem o seu

próspero estado commercial as tres grandes potencias commerciantes da nossa época: a Inglaterra, desde 1688; os Estados Unidos, desde 1783; a França, desde 1815.»

Montesquieu, que em uma só phrase sabe muitas vezes compendiar grandes verdades, diz no capitulo V do livro XXI do *Espirito das Leis*: «O commercio, ora destruido pelos conquistadores, ora estorvado pelos monarchas, percorre a terra, foge dos logares onde é opprimido, descança e repousa nos logares onde o deixam respirar: reina hoje nos pontos em que outr'ora sómente se viam desertos.» =

Fixando-nos agora no estado actual das cousas, cumpre ponderar o seguinte.

A Inglaterra, o povo mais habil na industria — no commercio — na navegação, entendeu que as péias impostas pelo sistema protector não tinham já que fazer no mundo commercial: n'este sentido operou aquella grande nação muitas e importantes reformas, ás quaes estão ligados os nomes illustres de Huskisson, de Cobden, de sir Robert Peel.

Das reformas operadas pela Inglaterra tomaram nota outras nações, as quaes pouco e pouco as foram adoptando ou estão em caminho de as adoptar.

D'est'arte vão desapparecendo as proibições, e ha todo o cuidado em ir concedendo ao commercio todas as facilidades compatíveis com a segurança dos demais interesses nacionaes. Os Estados Unidos, porém, persistem ainda no sistema de protecção aduaneira — a mais pronunciada.

O commercio já não é, como outr'ora, a ocupação especial e privativa de um pequeno numero de paizes. Hoje é o commercio exercitado — mais ou menos — por todos os povos, e principalmente pelos da civilisação christã: as populações orientaes conservaram se passivas, e o commercio d'ella é explorado pelos occidentaes.

O primeiro papel, no commercio, pertence sem contradicção á Inglaterra; seguem-se os Estados Unidos, a França, Allemanha, etc.

Os principaes centros commerceaes do mundo moderno são Londres, Paris, e New Yorw.

— No periodo moderno da historia do commercio (1492 até aos nossos dias) são caracteristicos os seguintes acontecimentos: descobrimento da America por Christovão Colombo; navegação á India por Vasco da Gama; descobrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral.

Depois dos portuguezes e dos hespanhóes, entram em scena das conquistas e da colonisação os inglezes e os hollandezes.

Reina por muito tempo o sistema colonial; mas este, pelo vicio da sua organisação, e pelos excessos que o acompanharam, não podia deixar de trazer consigo, mais cedo ou mais tarde, a emancipação, que estava na natureza das cousas, e encontrava facil e muito logica explicação no famoso dito de Lord Chatam, embora aplicado sómente pelo grande orador ás colonias britannicas: *As colonias britannicas da América do norte não têm sequer o direito de fabricar uma ferradura.*

O regimen colonial transforma-se no regimen mercantil: as páutas e os tratados substituem os exercitos e as armadas. O Acto de Navegação, o Tratado de Methuen, o Bloqueio Continental, são

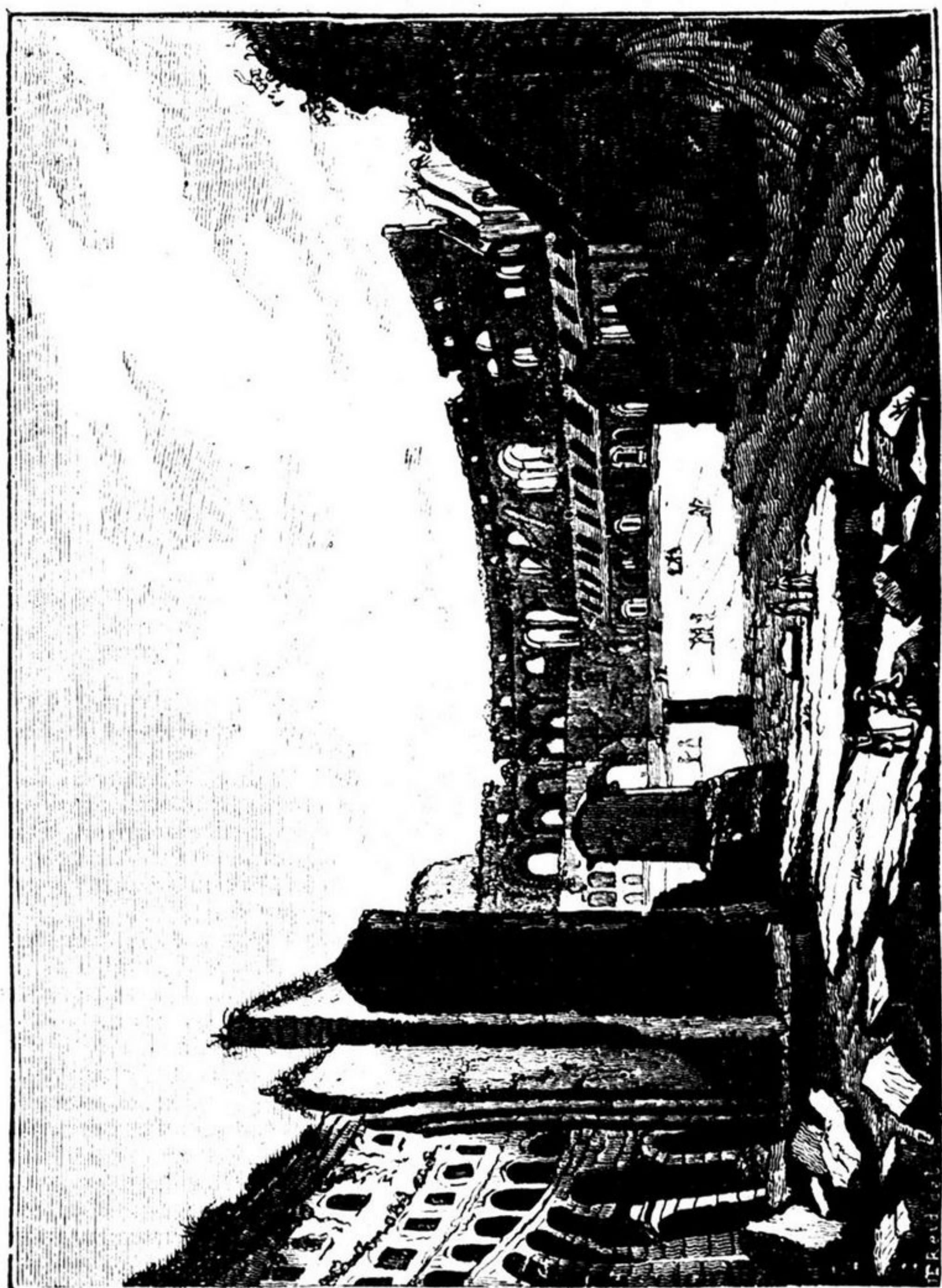
a expressão económica dos governos que tal sistema seguiram. *Cada um na sua casa, cada um para si*: tal é devisa commercial desses governos,—devisa, que afinal se converteu em aforismo político. Os povos circundam-se, como que de um cordão sanitário, destinado a repellir os productos estrangeiros; esforçando-se cada um d'elles por buscar a solução do problema: *comprar, sem render, render, sem comprar!*

Mas a experiência, ainda que tardia, allumiou os governos e os povos,—e estamos hoje entrados em uma brillante phase, qual é a da liberdade do comércio. Dado é esperar que essa liber-

dade desenvolva a industria, espalhe a abundância de productos por toda a parte, una os povos, faça de todos elles uma só familia, e estabeleça um rasoavel equilibrio—entre as faltas que existem n'um dado ponto, e o supérfluo que foi creado em outro.

Adam Smith, João Baptista Say, Peel, Cobden, e tantos outros grandes economistas e homens d'Estado, que fôra longo enumerar, são os eloquentes prégadores da santa cruzada, que já hoje está fructificando, e esperanças faz nacer de mais alentado progresso.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.



O COLISEO EM ROMA

O COLISEO EM ROMA

Entre as ruinas celebres, que se encontram a cada passo em Roma, a mais vasta, a mais importante, é sem contestação o Coliseo, esse amphitheatro de Vespasiano, que está de pé ha

perto de dézoito séculos. Suppõe-se que o Coliseo tira o seu nome de *Colosseum*, ou fosse por causa da massa das edificações, ou por causa de uma estatua colossal de Nero, que existia outrora proximo do seu recinto.

Este lagor celebre era, no reinado de Nero,

um logar artificial, fechado pelos muros do palacio doirado d'este tyranno. Foi n'este local, depois de desseccarem o lago, que o imperador Vespasiano fez construir o Colyseo dando-lhe o seu nome. Foi continuado por seu filho Tito, empregando para a construção do amphitheatro os judeus captivos no assedio de Jerusalem. Alguns autores asseguram que trabalharam quinze mil homens n'este edificio, durante dez annos, o que faria suppor que só foi concluido no reinado d'Domieiano, que foi imperador no anno 81 de J. C.

Ainda que sinta prazer ao ver estas ruinas tão imponentes, o philanthropo não pôde contemplar o Colyseo sem se recordar com tristeza das scenas sanguinolentas e dos jogos crueis de que foi theatro. A sua inauguração, segundo Eutrope, cinco mil animaes ferozes foram massacrados aos aplausos de inumeros espectadores. Muitos gladiadores ali disputaram a vida contra as feras, e em diferentes épocas o sangue dos christãos manchou o terreno. Apesar dos editos dos imperadores Constantino e Honorio, que quizeram pôr termo aos combates dos gladiadores e das feras, só no seculo V foram inteiramente abolidos estes crueis espectaculos.

Um dos vicios dos mais inexplicaveis da natureza humana, vicio que não parece compativel com a razão e a reflexão, a crueldade, era uma honra entre os romanos, ainda mesmo nos mais bellos tempos da republica. Contemplavam com delicia centenares de animaes selvagens e furiosos que se rasgavam entre si, ou que devoravam as victimas humanas, que lhes lançavam, tendo igualmente grande prazer em ver combater os gladiadores contra as feras.

Os chefes davam por desculpa da sua monstruosa indulgência, dizendo que, familiarizando os romanos com a dor e a morte, faziam mais bravos os soldados. Mas a deshumanidade está longe da verdadeira bravura, e sabe-se que, os imperadores que mostraram muito gosto por estes espectaculos, foram ao mesmo tempo os mais cobardes.

Quando no reinado de Honorio (409) os Goths, conduzidos por Alarie, pilharam a cidade de Roma, apoderaram-se de estatuas e de outros ornamentos do Colyseo, e estabeleceram um mercado no interior. Presume-se que os diversos buracos que se vêem entre as pedras, foram praticados para meter os barrotes que sustinham os toldos dos logares dos vendedores.

Em 1332, teve lugar no Colyseo uma celebre corrida de touros, no gosto hispanhol, a que assistiram as damas romanas, em palanques, e as duas poderosas familias dos Colonna, e dos Ursini. O combate foi sanguinolento e mais de um campeão ficou morto no campo da batalha.

No mesmo seculo, algumas das principaes familias de Roma obtiveram a permissão de tirar pedras do Colyseo como de uma pedreira; mas o papa Eugenio IV reprimiu este abuso, e fez murar o Colyseo. Faltando a protecção d'este papa o Colyseo foi novamente assaltado pelos principes romanos, particularmente dos Barberini, e as pedras d'este bello monumento serviram de material para os seus palacios. Diz-se tambem que Miguel Angelo d'ali tirou pedra quando construiu o palacio Farnesi. Benedicto XIV, eleito papa em 1747, pôz termo a estas expolia-

cões, e desde muitos annos procurou reparar n'este velho edificio as injurias do tempo e as das mãos dos homens, conservando-lhe, quanto possível, o seu caracter de antiguidade.

O Colyseo, quando estava completo, devia apresentar á vista a massa a mais imponente, por sua immensidade, e pela harmonia e simplicidade do seu conjunto. Ainda hoje, as galerias, as arcadas e os bancos, que estão em ruinas, é um objecto de admiração.

O circuito exterior é de pedras reunidas juntas por grampos de ferro sem cimento; é dividido em setenta e dois arcos abrindo-se sobre um corredor, onde se encontram setenta e duas passagens e escadas, que conduzem ás diferentes partes do edificio.

O Colyseo tinha a forma d'uma ellipse, cujo mais longo diametro tinha pouco mais ou menos quinhentos e setenta pés, e o mais curto quatrocentos e setenta; o diametro mais extenso da arena era, approximadamente, de uns duzentos e setenta pés, e o mais curto de cento e sessenta, deixando para os bancos e galerias um largo círculo de cento e quarenta e quatro. A circumferencia d'edificio, quando estava completo, tinha mil seiscientos e vinte pés, e cubria uma area de duzentos e vinte e seis pés, pouco mais ou menos.

Os restos de amphitheatros os mais celebres são em Veneza, em Nime, Avignon, Pola, Istri e Póestun, mas o Colyseo de Roma é o mais antigo como tambem o mais vasto e mais bello.

O PRÍNCIPE EUGENIO DE BEAUMARNAIS e as memórias que lhe são relativas.

... *ab auditione mala non timebit.*

Ps. CXI. 7.

V

Somos chegados a um dos mais graves acontecimentos da Expedição do Egypto, — o cerco de S. João d'Acre.

Não refere o Príncipe Eugenio a historia d'esse episódio militar da campanha do Egypto; mas aponta algumas particularidades curiosas, que, ou lhe são pessoas, ou interessam á historia em geral. Demorar-nos-hemos com o Príncipe em expôr essas particularidades.

Depois da tomada de Jaffa, proseguio o exercito frances na sua marcha para S. João d'Acre, e no dia 27 de Março de 1799 chegou ás vizinhanças d'aquella praça de guerra.

Na véspera tinha Eugenio sido encarregado de fazer um reconhecimento sobre Caïffa, em companhia de quatro caçadores a cavalo, a fim de averiguar se a posseção estava ocupada e defendida pelo inimigo. A uma certa distancia viu nas muralhas uma grande multidão, sem com tudo distinguir se era gente armada; aproximou-se, e logo a multidão se retirou. Penetrando na povoação, atravessou com os seus quatro caçadores a todo galope as ruas em direitura ao porto, precisamente na occasião em que uma chalupa inglesa se hia afastando da praia, levando um oficial de distinção. Atiraram alguns tiros sobre a chalupa, e outros tantos receberam da gente que ia n'ella; mas nem uns nem outros acertaram. Eugenio soube mais tarde que o oficial superior, que estava na chalupa, era nada menos do

que o commodoro Sidney-Smith, commandante das forças naváes inglesas n'aquellas paragens.

O céreco de S. João d'Aere tornou-se memóriavel pela vigorosa e tenaz resistencia da guarnição. O exercito franez estêve defronte d'aquelle praça por espaço de sessenta e quatro dias,— no cabo das quaes resolvêu o general Bonaparte levantar o malogrado céreco, para vir acudir ao Egypto. Foi na noite de 21 de maio que se operou a retirada.

No decurso dos sessenta e quatro dias, todos os officiaes fizeram constantemente o mais activo e arriscado serviço. Eugenio foi ferido por um estilhaço de bomba, logo no primeiro assalto que se deu á praça, e só no fim de 19 dias pôde restabelecer se. Mais infeliz foi Duroc, pois que, sendo ferido de um estilhaço de obuz, não pôde mais servir durante todo o céreco.

Eugenio já estava restabelecido quando se deu o segundo assalto—tão infructuoso e mortífero como o primeiro. Em uma palavra, o céreco de S. João d'Aere deixou a Eugenio a recordação dos serviços mais activos que lhe coube fazer como simples oficial em toda a sua carreira militar.

As seguintes particularidades do céreco inspiram bastante curiosidade,—e creio que não será desagravável aos leitores que aqui as registemos.

Antes de ordenar o primeiro assalto, estêve Bonaparte examinando a brécha com o general Dom-martin e o capitão Mailly de Château-Reinaud—que havia de marchar á frente da primeira colunna. O general de artilharia, que desejava poupar munições, instava apertadamente para que se dêsse o assalto, sustentando que a brecha estava já praticável. Differentemente opinava o Capitão Mailly. Deu esta divergência de pareceres occasião a que entre os dois contendedores se trocassem algumas palavras de azedume, tanto mais sensíveis ao capitão pela circunstancia de ser o primeiro que havia de subir á escalada. Felizmente a bravura de Mailly, conhecida geralmente do exercito, punha-o ao abrigo de qualquer suspeita injuriosa. Tinha razão o capitão: a brecha não era praticável. Falhou o assalto; Mailly foi um dos primeiros feridos; lá ficou no fôsso, e de noite viéram os turcos cortar lhe a cabeça. Fatal coincidencia! exactamente no mesmo dia experimentava a mesma sorte, com os christãos que estavam em S. João d'Aere, o irmão mais novo de Mailly, prisioneiro de Djezzar-Pacha!

O seguinte episodio tem muito de tocante, e ainda agora excita uma profunda mágoa. Vou referi-lo pelas proprias palavras de Eugenio, que aliás perdem a força na minha pallida traducción!

—Prevendo o general Bonaparte, ao deixar a França, a necessidade que havia de experimentar de um viceiro de officiaes moços de instrucción, trouxe consigo muitos alumnos da Eschola Polytechnica e engenharia. Dois d'esses moços, de si muito interessantes, que no discurso da campanha haviam sido collocados no serviço de engenheiros, enlaçaram-se com os vínculos da mais estreita amizade. Estando um d'elles na trincheira, pediu ao seu amigo que o substituisse; e tanto menos de escrupulo havia n'esse pedido, quanto o inimigo, desde muitos dias, não nos deixava um instante de folga. O amigo aceita a proposta; mas, fazendo logo o inimigo uma sortida, é morto o infeliz substituto!... Ao receber a amargurada nova, o seu camarada, sofreu um tão

violento acesso de desesperação, que foi necessário transportarem-no logo para a sua barraca, e pôr-lhe sentinelas á vista. Durante a noite, porém, illudindo a vigilância dos guardas, saí da barraca, busca e descobre o lugar onde fôra enterrado o seu amigo. Alli, sem outro instrumento mais do que as mãos e as unhas, chega a desenterrar o inanimado corpo, abráça-o com transponta, e pede lhe perdão de haver causado a morte a um amigo tão querido... Este magoado espetáculo enterneceu todo o exercito que o presenciava. =

O ruim exito dos frequentes assaltos á praça de guerra tinham desgostado vivamente os soldados, e como que desanimado, não obstante serem por extremo bravos e resolutos. O general em chefe quiz tentar um novo esforço; fez tocar a marcha, que no exercito da Italia estivera em uso para chamar os homens de boa vontade — à hora em que se tentava effeituar alguma expedição arriscada. Súbito se apresentam trescentos homens, electrizados pelo som d'aquelle marcha, que pela primeira vez se ouvia no Egypto. O general os mandou reunir defronte da sua barraca, poucas horas antes do assalto; dirigio-lhes uma allocução energica e calorosa, como elle sabia fazel-as; e os trescentos valentes juraram morrer ou tomar a praça... Deu-se o assalto; a praça não foi tomada; mas nenhum d'aquellos bravos soldados tornou mais a aparecer!...

Implacavel guerra! Quando meditarão os homens attentamente sobre os horrores que a acompanham!... A desanimação das tropas francesas não provinha sómente da inutilidade dos assaltos, do malogrado de tentativas mil desesperadas.... Um espetáculo ainda mais aterrador fazia sucumbir os mais animosos!... A peste começara a fazer estragos no exercito; e a tal ponto ia rerudescendo, que os hospitais não tardaram em ficar atulhados, e occasião houve, em que os doentes, maiormente os officiaes, jaziam nas mesmas barracas em que estavam os seus camaradas sãos!

Foi por este tempo que surgiu entre o general em chefe e o general Kleber a inimizade, que alguns explicaram pelo ciúme de Bonaparte,—mas que Eugenio, em abono da verdade — tal como a sentia, explica de outro modo.

Existia, e durou por muito tempo uma notable rivalidade entre os officiaes do exercito do Rheno e os do exercito da Italia. Se aquelle sentimento não transpusesse os limites da emulação, fonte poderia elle ser de brillantes feitos, e de gloriosos resultados para o exercito franez; mas não sucedeu assim; converteu-se em odio, e em vil ciúme, maiormente em alguns officiaes de carácter menos nobre. Tinham vindo do exercito do Rheno Desaix e Kleber, precedidos de uma bella e bem merecida reputação militar. Foram diversas as impressões que um e outro produziram no exercito do Egypto,—a maior parte do qual se compunha dos militares que haviam feito as campanhas da Italia. Desaix agradou, e inspirou affeção geral, porque era bom, singelo, justo e inacessivel a paixões pequeninas; Kleber, pelo contrario, grosseiro nas fallas, enredador, critico malédico, que a ninguem poupava, desagradou a toda a gente, e creou muitos inimigos. Pessoas havia que se ocupavam de ir referir ao general Bonaparte os ditos de Kleber contra elle,

e as censuras que de continuo fazia contra as suas operações militares; mas, o que era ainda mais grave, envenenavam tudo quanto iam contar. Do numero d'aqueles mexiqueiros era Junot, o qual, de ajudante de campo do general em chefe passará a ser general de brigada, e estava então empregado na divisão Kleber.

Refere Eugenio que por vezes fôra testemunha dos mexericos de Junot, e do ardor com que este diligenciava azedar o ressentimento do general Bonaparte, como depois tambem fez Murat a respeito de Moreau.

O facto, na sua maior simplicidade, reduzia-se a que o general Kleber, impacientado, como todo o exercito, da delonga e inutilidade do céreco, disse um dia, que não atinava com a razão porque obstinadamente se insistia em tal céreco, — e que elle, se fosse general em chefe, já o teria levantado. Alguem, que estava presente ponderou que na continuaçao do céreco, em ordem a tomar-se a praça, estava empenhada a gloria de Bonaparte; ao que acudiu Kleber, dizendo: *Ora a Deus! vem a ser o mesmo que n'um bello vestido uma nódoa de poeira; limpa se com um piparote!* (1)

Este dicto, que em ultima analyse era muito honroso para o general em chefe, foi desfigurado e envenenado, do mesmo modo que outros, nos mexericos que lhe levavam: de sorte que a final conseguiu se indispô-lo fortemente contra Kleber.

Mexiqueiros vis e infames! Em toda a parte, em todos os tempos haveis sido a peste da sociedade!

Eugenio é n'esta conjunctura mui nobremente imparcial, e collóea tudo nos verdadeiros termos. Não pôde dizer-se que Bonaparte tivesse ciúmes de Kleber; o posto que tinha no exercito e a alta reputação de que gozava, não permittem pensar sequér em tal ciúme; mais natural é atribuir esse ciúme a Kleber, que se sentia offuscado por um general mais moço elevado a grande altura. — Por outro lado, exige a justiça que se diga ter Kleber boas rãsões para criticar o céreco de S. João d'Acre, emprehendido com bastante leveza, e sem primeiramente se reunirem os meios necessarios para lhe dár vigoroso impulso. E com efeito, nem a engenharia, nem a artilheria estavam ao nível das exigencias do céreco; de sorte que a bravura e os talentos dos officiaes das duas armas eram inteiramente estéreis. A tal ponto faltavam as munições das peças de artilheria, que era preciso aproveitar as balas que os navios ingleses atiavam para a praia, pagando-as por bom preço a soldados que iam collocar-se em frente d'aqueles navios, para atrahirem o fogo d'esses mesmos navios...

— Parêmos aqui por hoje. No artigo immediato veremos levantar o céreco de S. João d'Acre, e occasião teremos de apontar muitas scenas amarguradas que se seguiram á retirada do exercito francez.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

STIRLING

(Continuado de pag. 272)

Se a batalha de Bannockburn é o acontecimento mais glorioso da realeza escosseza de que esta cidade foi testemunha, ante os seus muros

(1) «Bah! bah! (reprit Kleber avec son accent allemand) c'est un bel habit sur lequel il y a une tache de poussière: avec une chiquenaude on la fait partir»

teve logar um outro acontecimento mais tragico ainda, porque os loiros da victoria não fazem esquecer o sangue que ahi se derramou, e um dos factos que, pôde dizer se, deslustrou a historia d'um monarca. Foi no castello de Stirling que Jacques II, denominado o Cara-de-fogo, por causa da grande mancha vermelha que lhe cobria a rosto, apunhalou com a sua propria mão, em 1452, Archibaldo, conde de Douglas. Este Henrique de Guise da Escossia, altivo por sua nobreza e pelo seu poder, fizera-se rival insolente do rei. Apesar d'isto chegou a ver-se investido na dignidade de tenente-general do reino; mas a sua elevação, e ao mesmo tempo o seu humor inquieto e feroz, inspiravam á corda bem fundados receios. Aconselhado por Livingston, antigo regente do reino, e por sir Patrick Gray, queria vingar no conde o assassinato do infeliz Maclellan, do qual elle tinha sido o auctor, Jacques armou lhe um laço convidando-o a apresentar-se em Stirling. Douglas despresou todas as prevenções e suspeitas de que procuraram convencê-lo sobre o motivo d'esta recepção e confiou na boa fé do seu monarca e apresentou-se-lhe. O monarca recebeu-o e em seguida cravou lhe um punhal no peito! Tal era o horror que inspirava o conde, que recusaram sepultura ao seu cadaver, e, não ha muitos annos ainda, que no jardim do castello, aonde o crime foi commettido, se achavam dispersos os restos d'este illustre traidor a quem o seu rei deslealmente tinha servido de algoz.

Jacques V fez, como os seus predecessores, residencia em Stirling, e entretinha-se, disfarçado em camponez, a passeiar nos contornos e a interrogar os seus subditos, rebuçado com o nome de Goodman de Ballochgeich, nome tomado de uma parte da montanha sobre a qual se eleva o castello.

Jacques VI foi baptizado em Stirling e ali fez igualmente a sua residencia. È a este monarca que se devem os principaes embellasamentos da cidade, que tambem não tem deixado de ser o theatro das guerras que tem assolado a Escossia por espaço d'um seculo.

Como decaío do seu antigo esplendor esta primeira capital da Caledonia! Os seus palacios, que recordam a sua passada magnificencia, estão desertos ou arruinados, e vê-se o camponez habitar casas com tetos dobrados, e converter em estufas ou curraes sallas de bailes e de festins, ainda ornadas de baixos-relevos e de pinturas. O castello, de que os condes de Marz da casa dos Areskins, são os guardas hereditarios, está em ruina, conservando-se apenas uma casa que serve de aposento ao commandante da praça. «Vê-se ainda, disse Mr. Faujas de Saint-Fondes na sua viagem á Escossia, a camara do Parlamento, que tem cento e vinte pés de comprimento, mas está arruinada. As portas de madeira de carvalho estão cobertas de inscrições e de esculturas. Notam-se ainda perto do castello baixos-relevos e esculpturas que recordam o estylo egypecio, o que fazia quasi suppor que os Phenicios, que iam até a Cornouaille procurar o estanho, levaram talvez até á foz do Forth as suas navegações aventuroosas. Isto prova que Stirling não é agora mais que o esqueleto bem desecrado da Stirling dos Bruces e dos Stuarts.